

VIVA VOZ

FÓRUM

A SAÚDE DOS PORTUGUESES FICA COMPROMETIDA SEM A INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL?

As organizações sem fins lucrativos têm ou não um papel fulcral na Saúde dos portugueses? O desaparecimento destas poria ou não em risco a vida dos portugueses? Questões subjacentes ao Fórum desta edição que fazem pensar sobre o rumo a dar à Saúde do País.

Piedade Líbano Monteiro

Presidente da Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger



Talvez de forma um pouco preconcebida, não consigo desligar o bem-estar dos portugueses, quando falamos de saúde, ação social, apoio à 3ª idade, apoio nas catástrofes naturais ou provocadas pelo Homem, das organizações da sociedade civil. E não consigo fazê-lo porque sinto que nos está nos genes, enquanto nação, enquanto forma de ser do nosso povo, que é muito dado a causas sociais e/ou humanitárias.

Este é um testemunho que nos vem de longe, iniciado nas paróquias e, como tal, com forte cariz religioso, que apoiavam (e ainda hoje apoiam) os seus mais carenciados paroquianos, passando pelas instituições privadas de cariz não religioso, hoje muito melhor organizadas e bastante objetivas na sua missão de ajudar e contribuir para o bem e ajuda em todas as realidades da sociedade onde há carência social. São estas vontades que se movem e que dizem "presente", quando já não existe qualquer outro recurso, quando, na altura de aflição, as respostas sociais estatais se esgotam, estrangulam ou a estúpida burocracia a bloqueia.

Sim, sem dúvida alguma que a nossa saúde ficará muito comprometida se a intervenção destas organizações deixar de existir. São elas que sentem as necessidades porque vivenciam de perto, porque estão na linha da frente com quem necessita. Estão onde há lacuna onde o Estado falha ou gere mal. Dão resposta quando mais nada ou ninguém dá. São estas organizações que sentem realmente o pulsar dos problemas. São estas pessoas, que fazem nascer e perdurar as instituições que sabem exatamente onde é preciso atuar e que quase milagrosamente (... com muito trabalho!) arranjam sempre a saída para um problema insolúvel.

Vejam: quantos bancos alimentares foram realizados este ano? Quantos movimentos novos nasceram nas paróquias, nas localidades, nos condomínios, para apoiar as necessidades primárias dos cidadãos? Em quanto aumentou o número de pessoas a necessitar de apoio? Teremos nós a noção de que a resposta a estas necessidades básicas, oferecidas pelas instituições, em substituição da máquina estatal, também se esgota? Quando isso acontecer... estamos no fim da linha.

E ainda dentro deste cenário acontece um outro, que nos leva a uma espécie de "doença coletiva" e que tem como base o desânimo, o simples fato de não se ver luz ao fundo do túnel. O que é feito do cumprimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem? Será palavra gasta? Quando penso em cuidados com a saúde imediatamente visualizo as crianças ou as pessoas de idade, talvez por serem os mais vulneráveis, mais frágeis (penso eu...). Vem-me então à memória algumas passagens do meu dia-a-dia. Aqui deixo duas que de tão simples e básicas, não esqueço; uma de um senhor de idade que por não ter mais crédito na farmácia para os seus medicamentos, esperava que o pároco da sua paróquia lhe pudesse aviar a receita. Outra passada numa escola onde, falando-se do fraco rendimento escolar de algumas crianças, a professora comentava: "ninguém aprende de barriga vazia"!

Hoje sinto verdadeiramente que o estado da nação nos leva à tal doença coletiva, que há pouco referi. Ela não mata mas mói e corrói o nosso (às vezes perigoso) pensamento, levando-nos a alienação total em relação às vidas indignas e decadentes que por vezes nos passam pela frente.

Não estou a ser muito otimista... ou talvez sim. Também neste cenário as instituições têm um papel importantíssimo e ainda poderiam ser mais fortes do que já são. É que ajudar o outro é importante. Mas e talvez sobretudo, é essencial para aquele que ajuda. Quem dá recebe mais do que quem recebe!

Existem demasiadas pessoas inativas, mas com energia e capacidade para virar meio mundo. Elas que se ergam também, que deixem em casa a solidão e que nos acompanhem nesta longa caminhada para não deixar extinguir as instituições. Cada um à sua maneira dá a resposta certa à pessoa certa no momento certo. Até pode ser o seu vizinho do lado. Conhece-o?